RECEBIDO: 10.09.2023 ACEITE: 05.11.2023 DOI: https://doi.org/10.34624/agora.v0i26.38146

# CURIOSAS COINCIDÊNCIAS ENTRE HORÁCIO E O CHINÊS DU FU (SÉC. VIII D.C.) 1. O ELOGIO DA MODERAÇÃO

# Coincidences between Horace and Chinese poet Du FU (8<sup>th</sup> century AD) 1. The praise of moderation

#### Carlos Ascenso André

Universidade de Coimbra e Universidade Politécnica de Macau caa@fl.uc.pt ORCID: 0000-0003-3390-1406

#### ZHANG YUNFENG

Universidade Politécnica de Macau zhangyunfeng@mpu.edu.mo ORCID: 0000-0002-9995-8432

**Resumo:** É, no mínimo, altamente improvável que à China imperial do séc. VIII tenham chegado ecos, ainda que difusos, da literatura latina de oito século antes. Eventuais semelhanças entre autores das duas literaturas deverão, portanto, ser tidas na conta de coincidências. Ainda que de coincidências se trate, no entanto, o facto não deixa de ser interessante.

É o que sucede com algumas semelhanças entre temas da obra de Du Fu, poeta chinês do séc. VIII, e Horácio, poeta latino do séc. I a.C.: a celebração das estações do ano, em especial o outono e a primavera, o elogio da moderação, bem ao jeito da *aurea mediocritas*, os quadros de natureza, o desprendimento de bens materiais, tudo isso aproxima dois poetas de tão diferentes culturas e de tempos históricos tão diversos.

O presente artigo pretende refletir sobre esta proximidade temática, com recurso a passos dos dois poetas, ainda que, repita-se, se trate de coincidências, numa abordagem que não é usual no estudo de ambas as literaturas.

Nesta primeira parte será abordada a semelhança no tratamento da *aurea mediocritas*, da moderação, do desprendimento de bens materiais.

Palavras chave: Poesia latina; poesia chinesa; Horácio; Du Fu.



**Abstract:** It is, to say the least, unlikely that in 8th century imperial China there were echoes, albeit diffuse, of Latin literature of eight centuries earlier.

Eventual similarities between authors of both literatures shall therefore be considered as coincidences. Even if it is a matter of coincidences, however, the fact is still interesting.

This is what happens in what concerns some similarities between subjects in the work of Du Fu, a Chinese poet from the 8th century and Horace, Latin poet of the 1rst century BC: the celebration of the seasons, especially autumn and spring, the praise of moderation, in the style of *aurea mediocritas*, the paintings of nature, the detachment of material goods, all this brings together these two poets from such different cultures and from such different historical times.

The present article intends to reflect on this thematic proximity, using the steps of the two poets, even if these are coincidences; an approach that is not usual in the study of both literatures. In this first part, the similarity *aurea mediocritas*, moderation, the detachment of material goods will be analyzed.

Keywords: Latin poetry; Chinese poetry; Horace; Du Fu.

Quem se detiver a contemplar, com olhar distante e imparcial (o que, em boa verdade, não é possível) a história cultural da humanidade, ou, para ser mais preciso, as histórias culturais dos povos da humanidade, não deixará de surpreender-se com alguns momentos de coincidência entre elas. Falamos de momentos de coincidência e não de pontos de contacto; de facto, se recuarmos no tempo, até há muitos séculos atrás, temos por certo que os pontos de contacto entre as várias áreas do mundo povoado seriam inexistentes.

Uma dessas curiosas coincidências tem a ver com dois dos maiores vultos da cultura das civilizações a que pertencem, Confúcio e Sócrates, respetivamente o pensador mais marcante da história da China e o pai, por assim dizer, da filosofia ocidental. Raramente se atenta no facto de terem sido quase contemporâneos – Confúcio viveu entre os séculos VI e V a. C. (551 a 479) e Sócrates no séc. V (470-399). É, digamos, materialmente impossível que o segundo tenha ouvido falar do primeiro. Mas quem lê as bases da filosofia socrática, que nos chegaram através dos seus discípulos, dado que ele nada escreveu, e quem lê os *Analectos* de Confúcio, igualmente coligidos e organizados pelos seus discípulos muitos anos depois da sua morte, não deixa de atentar na recorrente semelhança e mesmo convergência entre os princípios filosóficos e os ensinamentos de um e de outro. E, no entanto, o filósofo grego, um pouco mais recente, por certo nunca ouviu sequer falar do sábio chinês.

Sem se conhecerem, eles são dois dos quatro que Simon Leys considera «os pais espirituais da humanidade – Buda, Confúcio, Sócrates, Cristo», o último bem mais recente, claro, que os três primeiros (Leys, 2005, p. 247).

O desafio que nos propomos aqui é verificar se uma tal coincidência de pontos de vista entre os dois grandes pensadores, o chinês e o do mundo greco-romano, pode também verificar-se no que respeita à literatura.

Escolhemos, para tanto, dois grandes poetas de inequívoco renome e reconhecida qualidade, um de Roma, outro da China imperial: Horácio e Du Fu.

Horácio viveu no séc. I a. C. e DU Fu no séc. VIII d. C. Apesar de oito séculos os separarem, não é crível que o segundo alguma vez tenha ouvido falar no primeiro, muito menos que tenha tido acesso, por pontual que fosse, à sua obra. Por esse tempo, ao que se sabe, seriam nulos os contactos entre o império chinês, então sob o domínio da dinastia Tang, e o mundo que nascera da desagregação do romano.

Eventuais aproximações, portanto, entre a obra de um e outro poeta não ficarão a dever-se a quaisquer manifestações de intertextualidade, a qual não seria possível em caso algum. Quando muito, estaremos perante coincidências, curiosas, é certo, mas apenas coincidências. As palavras de Michel Schneider, afinal, apesar de inseridas em obra que pretende refletir sobre a influência e o plágio, podem ter um alcance bem mais vasto: «les mots ne sont à personne et sont de toujours; les pensées sont de chacun et toujours neuves» (Schneider, 1985, p. 77). Será como admitir a existência de um arquitexto que vai muito além dos textos conhecidos. Schneider fala em palimpsesto, conceito que não pode aplicar-se neste caso, claro.

Não se pretende aqui ir tão longe. O objetivo deste trabalho, ainda um tanto liminar, é tão somente chamar a atenção para a curiosa coincidência entre dois poetas, de épocas e de geografias tão diferentes.

Dado ser menos conhecido dos estudiosos da cultura clássica, justificase a apresentação, ainda que sumária, de alguns dados biográficos de Du Fu, um dos nomes mais representativos, sublinhe-se de novo, da poesia chinesa, a par, talvez, de Li Bai, seu contemporâneo. Digamos que Du Fu estará para a literatura chinesa como Shakespeare para a inglesa ou Dante para a italiana (Xiaofei Tian, 2020, p. 1) ou, podemos acrescentar, Camões para a portuguesa, por exemplo.

Du Fu nasceu em Gongxian, na província de Henan, em 712, e viveu uma vida mais ou menos errante. Chegou a exercer cargos de menor importância na administração pública imperial, não obstante ter reprovado por duas vezes nos exames de acesso a essa carreira. Viajou entre Jiangsu, Zhejiang,

Hebei. Se considerarmos a vasta área de cada uma das províncias chinesas (algumas delas muitas vezes maiores do que Portugal ou os Países Baixos, por exemplo), facilmente nos damos conta da dimensão da sua vida errante. Em Hebei cruzou-se com Li Bai, outro dos grandes poetas da literatura chinesa. Surpreendido, não raro, no entrecruzar de caminhos das guerras intestinas em que era fértil a China imperial desse tempo, ora serviu o poder, ora foi feito prisioneiro. Veio a morrer em Tanzhou, na província de Hunan, em 770.<sup>1</sup>

Não terão sido, por certo, pequenas e escassas semelhanças biográficas a determinar alguma convergência temática entre os dois poetas. A verdade, porém, é que essa convergência existe.

Atentemos em alguns temas privilegiados da poética de Horácio: a *aurea mediocritas* e o apreço pela vida simples, com o consequente alheamento face a poder e riquezas; a efemeridade da vida; as estações do ano, assumidas sempre como sinal claro desse fluxo temporal.

Comecemos pela celebração da vida modesta e desprendida de bens e riquezas, tema recorrente na obra horaciana, com um destaque muito particular para as odes 2.10, 2.18, 2.3, 1.7, 2.15, 3.1 e 2.11, bem significativas neste domínio.

Para melhor se compreender o que pretende mostrar-se, procede-se a uma apreciação, ainda que breve, de todas essas odes, para depois as confrontar com o tratamento de idênticos temas na obra poética de Du Fu.<sup>2</sup>

Em 2.10, sublinha-se a excessiva e desnecessária (além de perigosa) exposição de uma vida ambiciosa; contrapõe-se, por isso, a vantagem de contentar-se com pouco: nem buscar as aventuras da navegação, muito menos escolher rota próxima da costa, de baixios perigosos e traiçoeiros: neque altum / semper urgendo neque [....] nimium premendo / litus iniquum («nem buscando a todo o tempo o alto mar, nem se achegando em demasia à costa traiçoeira»). É que a sorte é instável, pelo que é mais avisado estar sempre atento à mudança da fortuna, seja para pior, seja para melhor:

Sperat infestis, metuit secundis alteram sortem bene praeparatum pectus.

Espera, nos dias adversos, e receia, nos dias melhores, uma sorte contrária o coração bem robustecido.

Biografia sumária que reúne elementos proporcionados por: Abreu (2015); Xiaofei (2020); Ji Hao (2017).

No que respeita às odes de Horácio, seguiram-se de perto os comentários de Commager (1966), de Quinn (1980) e de Lourenço (2023); segue-se este último quanto à fixação do texto. A tradução é de C. A. André.

É assim que se cultiva a *aurea mediocritas*, a «áurea mediania», expressão consagrada justamente nesta ode.

A ideia repete-se em 2.18, assumida a moderação como norma de vida. Por isso ela lhe dita as regras do seu fazer poético, contrário a excessos ou exuberâncias (marfim, tetos de oiro, púrpuras exóticas, colunas de mármore), antes assumindo a vida modesta como código de conduta (feliz com o seu modesto quintal). À recusa da riqueza e magnificência contrapõe, pois, o poeta o desejo de optar pela simplicidade de vida. Errado está quem age de modo diverso, afiança, tanto mais que riqueza e pobreza virão a acabar, afinal, por unir-se, sem qualquer distinção, na morte, onde todos são iguais:

```
Aequa tellus
pauperi recluditur
regumque pueris.

Igual é a terra
que cobre os filhos do pobre
e os dos reis.
```

Todas estas ideias se enlaçam, em bem construída harmonia, em 2.3, marcada por algum espírito epicurista, que abre com um apelo à moderação – conservar o ânimo sereno nos bons e nos maus momentos:

```
Aequam memento rebus in arduis seruare mentem, non secus in bonis ab insolenti temperatam laetitia.
```

Lembra-te de, em tempo agreste, manter sereno o ânimo e, em tempo propício, não menos equilibrado e livre de desmesurada alegria.

Para tanto, há que desfrutar das coisas mais aprazíveis da vida: um bom vinho, a sombra hospitaleira das árvores frondosas, o gosto da contemplação da água a saltitar nas curvas dos riachos. Assim se colhe o tempo: flores, perfumes, vinhos, tudo isso ajuda a viver, sem pressas, a idade que vai passando... até que chegue a hora final.

O momento derradeiro, a morte, é uma presença constante na poesia de Horácio, como uma lembrança e um alerta. É a hora em que tudo se iguala, em que a grandeza se torna vã, em que os projetos imponentes redundam em frustração: a última viagem é uma viagem solitária e tudo quanto a ambição amealhou virá a ficar nas mãos dos herdeiros.

Cedes coemptis saltibus et domo uillaque, flauos quam Tiberis lauit, cedes et exstructis in altum diuitiis potietur heres.

Deixarás os campos que amealhaste e a casa e a quinta banhada pela corrente de oiro do Tibre, deixarás, ainda, as riquezas que no alto edificaste; delas há de um herdeiro tomar posse.

Na morte não há distinção de nascimento, nem de fortuna, nem de percurso, pois ela a todos nivela por igual.

Não se pense, porém, que estes são versos de tristeza; a lição que deles se desprende, eivada de sabedoria, é apenas melancólica: conhecedor do que o espera, deve o homem saber cultivar a justa medida – menor será o tombo e mais confortável o resultado.

Não muito diferentes são os conselhos deixados em 1.7: recusar a grandeza e a ambição, preferir os sons da natureza e suas sombras, cultivar o prazer das pequenas coisas e deliciar-se com o doce prazer do vinho: *tu sapiens finire memento tristitiam uitaeque labores molli, Plance, mero* («com sabedoria, lembra-te de pôr fim à tristeza e às canseiras da vida na doçura do vinho»).

O mesmo se passa em 2.15, com idêntico apelo a fruir os prazeres da vida, a sentir os odores e perfumes da natureza; e também, agora de uma forma quase solene, em 3.1, onde proclama logo a abrir: *Odi profanum uulgus* – «odeio a gente profana».

É aí que insiste com particular clareza na ideia de que a morte a todos trata por igual: *aequa lege Necessitas sortitur insignis et imos*, («com lei igual o Fado tira à sorte os notáveis e os de baixa condição»).

É que, logo acrescenta, em jeito de prova, somnus agrestium lenis uirorum non humilis domos fastidit umbrosamque ripam («o sono tranquilo não aborrece as humildes choupanas dos homens rudes e as margens frondosas»); precisamente o oposto do que acontece com aqueles que vivem uma vida de canseira e de preocupações, sempre temerosos de perderem as suas riquezas, seja por causas naturais, seja por força da insegurança que flagela os bens que acumularam.

E em 2.11 lembra que não dura sempre a beleza das flores nem é constante o brilho formoso da lua e também que a juventude é um tempo que «foge às arrecuas» (*fugit retro*), como lembra ainda que, quando os cabelos embranquecerem, rapidamente se desvanecem amores lascivos e sono fácil. A sugestão vem logo depois sem ambiguidades: gozar a sombra das árvores, perfumar o cabelo, beber, desfrutar o amor.

Em boa verdade, deixava a súmula dessa lição de vida já na ode 1.11, tão breve e tão cheia de significado. É aí que podemos encontrar a célebre e imorredoura máxima horaciana *carpe diem*, que tanta gente traduziu e interpretou em errada lição hedonista («aproveita o dia»), quando o significado é bem diferente: «colhe o dia».

Aqui se condensa um dos temas mais recorrentes na poesia de Horácio: a fugacidade do tempo, a urgência de viver o presente e de plenamente o fruir. Por ser impossível prever o dia de amanhã, sempre incerto, jamais saberemos se o tempo que vivemos, se o dia que vivemos, é o último. A tal incerteza responde Horácio com uma melancolia serena, onde se contém a afirmação dos pequenos prazeres do quotidiano. Ou seja, ao contrário do que muita gente erradamente supõe, *carpe diem* não é a defesa de um qualquer hedonismo desmedido ou destemperado, que a poesia horaciana jamais sustenta, mas significa tão somente o apego ao fluir sereno da vida, «sem desassossegos grandes», como diria vinte séculos depois o heterónimo pessoano Ricardo Reis.

Carpe diem é, pois, um convite a «colher» (o verdadeiro sentido do imperativo carpe), ou antes a aprender a "colher" o tempo, a «colher» cada dia no seu dia, o que implica não adiar o tempo e suas escolhas, mas também não o antecipar ou precipitar. Colher, em suma, cada tempo no tempo que é o seu.

São apenas oito versos, de que vale a pena transcrever, pelo seu alcance e significado, os últimos cinco.

Seu pluris hiemes seu tribuit Iuppiter ultimam quae nunc oppositis debilitat pumicibus mare Tyrrhenum, sapias, uina liques et spatio breui spem longam reseces. Dum loquimur, fugerit inuida aetas. Carpe diem quam minimum credula postero.

Quer muitos sejam os invernos que Júpiter te concedeu, quer seja o último este que, agora, faz esmorecer, ante a firmeza dos penedos, o mar Tirreno, busca a sabedoria, escande o vinho e, em breve espaço, corta esperanças longas. Enquanto falamos, esvai-se, invejoso, o tempo. Colhe o dia, quão menos confiada possível no amanhã.

O poeta chinês Du Fu é igualmente sensível a esta temática, de uma forma não menos recorrente e que se aproxima, em muitos aspetos, das opções horacianas acabadas de enumerar.

Como no início se disse, é altamente improvável para não dizer praticamente impossível, que ecos da poesia latina, nomeadamente de Horácio, tenham chegado à longínqua China, numa época em que os contactos entre as duas civilizações eram inexistentes. Seria, pois, inadequado tentar encontrar correspondências ao nível vocabular entre os dois poetas. Não pode haver aqui lugar, portanto, a qualquer «crítica de fontes»; e mesmo os critérios da literatura comparada seriam, talvez, pouco aplicáveis, tamanha é a diferença entre as duas línguas e as duas culturas. Por esse motivo, optou-se pelo processo que já decorre dos parágrafos anteriores: apresentar brevemente, como foi feito, a presença do tema na poesia de Horácio e, depois, proceder a idêntico trabalho na poesia de Du Fu, cotejando uma com a outra. Como se verá, as coincidências são múltiplas e, por vezes, muito curiosas, a documentar a universalidade dos temas em questão. Além do mais, é nuclear na cultura chinesa um princípio bem caro a Horácio: «o conceito chave da civilização chinesa é o de *harmonia*; quer se trate de ordenar as relações dos homens entre si, ou de pôr o indivíduo em sintonia com os ritmos do universo, esta mesma preocupação de harmonia anima tanto a sabedoria confuciana como a mística tauista» (Leys, 2005, p. 181).

Também Du Fu, perante as contrariedades do quotidiano que lhe desassossegam a alma e os «cem cuidados» que o perturbam, prefere alhearse das preocupações e tudo ignorar. Pouco lhe importa o «desassossego», os tais «cem cuidados» (百慮)³, como pouco lhe importa que seja demasiado impetuosa a corrente do rio, a ponto de o fazer transbordar das margens e ameaçar as colheitas; bom remédio será, à maneira do poeta latino, buscar conforto numa taça de vinho (Du Fu, 2015, pp. 262-263):

蕭蕭北風勁 撫事煎百慮 賴知禾黍收 已覺糟床註 如今足斟酌 且用慰遲暮

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> O texto chinês não possui qualquer caráter para a tradução "desassossego", de Graça Abreu. Mas a palavra portuguesa exprime bem o chinês 百慮 (cem cuidados).

Assobia, sopra forte o vento norte, o desassossego, cem cuidados perturbam meu pensar. Que importa se é boa a colheita do sorgo ou se as águas do rio ultrapassam as margens? Hoje tenho vinho suficiente para encher a taça e beber, para o conforto da minha alma envelhecida.<sup>4</sup>

Noutro ponto, tal como Horácio manifestava um confessado e inequívoco desprezo pela grandeza, pela ambição e pela acumulação de riquezas que é característico de uma e outra, também Du Fu não aspira à abundância ou honrarias, satisfeito o bastante com quanto possui, por pouco que seja. Mais vale a vida de formiga, que se basta com o seu caminhar na terra e os buracos onde vive o seu quotidiano, assegura em interessante metáfora, do que ambicionar a grandeza das baleias, tanto mais que elas próprias vivem no mar em simplicidade. O importante é menosprezar os favores dos poderosos (獨恥事幹謁) e viver a dureza do trabalho, mesmo que isso leve a desfalecer na poeira dos caminhos (Du Fu, 2015, pp. 176, 181):

Basta olhar para um ninho de formigas, estão satisfeitas com os seus buracos na terra. Porquê invejar baleias que, simples, gostam de nadar na imensidão do mar?

Cada um deve entender a essência do seu ser e desdenhar dos favores dos poderosos, melhor o trabalho árduo, até desfalecer um dia na poeira dos caminhos.

Prefere, por isso, a tranquilidade reconfortante do campo, os seus «tons suaves» (野潤), as «cores do pôr do sol» (煙光). Du Fu, ao longo da sua existência, foi um permanente viandante, sempre em trânsito de um lugar para outro no vasto território do império. Nessa condição, ou seja, em viagem, é aí,

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> Todas as citações da obra de Du Fu provêm da edição indicada na bibliografia final, da responsabilidade de António Graça Abreu (2015). As traduções são igualmente do mesmo autor.

no campo, que se atenua e desvanece a sua tristeza, pelo que não existe lugar algum mais propício para o repouso, convicção expressa de forma assertiva em pergunta retórica: (舍此復何之) (Du Fu, 2015, pp. 276-277):

野潤煙光薄 沙暄日色遲 客愁全為減 舍此復何之

Os tons suaves do campo, o leve fulgor da névoa, na areia mole, as cores do sol ao entardecer. Dissipa-se a tristeza do homem em viagem, que melhor lugar p'ra descansar?

É no campo, portanto, no sossego da vida campesina, onde a serenidade é dominante, que pode encontrar-se o sítio ideal para viver. Ali, perto de um rio, abrigado pela serenidade de um bosque (林), ou pela placidez de um lago (塘) situa-se o espaço onde verdadeiramente dá gosto morar e passar a existência. Viver aí, longe das muralhas da cidade, alheio à sua confusão e ao seu tumulto, é o caminho verdadeiro para alcançar a libertação de preocupações sempre dispensáveis.

E surge, uma vez mais, uma afirmação recorrente em Du Fu, que espelha bem a cultura chinesa e o sentido chinês de felicidade: a proximidade das águas do rio propicia o desvanecer da tristeza, quando o viajante se deixa inebriar pela natureza e pela paisagem. Um pequeno junco a vogar rio fora para longe (para mil léguas, diz o poeta – 萬裏) é quanto basta para alcançar paz, serenidade e, portanto, uma existência feliz. Horácio não dizia de outro modo, salvaguardadas as especificidades da paisagem chinesa e de cada uma das culturas (Du Fu, 2015, pp. 262-263):

浣花流水水西頭 主人為蔔林塘幽 已知出郭少塵事 更有澄江銷客愁 無數蜻蜓齊上下 一雙鸂鶒對沈浮。

蔔居

東行萬裏堪乘興須向山陰上小舟

## Em busca de um lugar para habitar

Na margem oeste, junto ao rio que humedece as flores, um amigo encontrou a serenidade de um bosque, a placidez

de um lago.

Eu sei, para além das muralhas da cidade, quase nenhuns problemas com as poeiras da corte. As águas límpidas do rio dissipam tristezas do viajante, libelinhas aos milhares sobem e descem no lago. dois patos-mandarim irradiando luz, nadam, mergulham. A leste, desejo navegar por mil léguas, vogando até Shanyin no meu pequeno junco.

Particularmente significativo neste confronto entre a *aurea mediocritas* horaciana, associada ao desprezo das riquezas e à fugacidade da vida, e idênticos sentimentos e sua expressão temática em Du Fu, é um poema um tanto mais longo, composto, a ajuizar pelo título, em momento de espírito toldado pelo vinho. O evoluir do texto, onde prevalecem uma arquitetura claramente pensada, uma lucidez acutilante e uma linha de pensamento sem fissuras, parece desmentir o título.

A proximidade com algumas das odes horacianas acima sumariamente abordadas é não apenas manifesta como também, por vezes, surpreendente. São notórias as diferenças, como é óbvio, resultantes da distinção entre a cultura chinesa e a cultura romana (e as culturas ocidentais em geral). É essa distinção que determina passos muito peculiares do poema, como é o caso dos versos iniciais, onde se define a relação entre a classe alta da hierarquia social, a que o poeta manifestamente não pertence (nem ele nem o suposto amigo, destinatário do poema): entre uns e outros há o conforto, de um lado, e o desconforto de «padecer o frio» (獨冷), do outro, há a vida nas grandes mansões (甲第), onde abundam iguarias (厭粱肉) e a sobrevivência se alcança apenas com uma malga de arroz (飯不足).

É o resultado da opção pela filosofia (道), o que pode pressupor «pouca ambição<sup>5</sup>, não obstante o talento que o eleva acima de patamares dos letrados tradicionais. Mas assim se garante o «respeito» (德尊) e a fama «para além dos séculos» (名垂萬古), o que faz lembrar uma outra ode horaciana (3.30): *Exegi monumentum aere perennius* («Construí um monumento mais duradouro que o bronze»).

<sup>&</sup>lt;sup>5</sup> A expressão "pouca ambição" é uma interpretação do tradutor, sem correspondência direta no texto chinês.

Vem depois a afirmação da condição pessoal, não já do suposto amigo, mas do próprio sujeito lírico: «sou um rústico» (野客); um rústico que com pouco se contenta, pois lhe bastam as cinco colheres de arroz por dia que obtém do celeiro imperial, a que junta um bem mais precioso, a amizade. Pouco lhe importa «a pompa, o luxo, as cortesias» (忘形), pois um e outro se assumem como «gente simples, descuidada e livre» (爾汝).

Por conforto basta-lhes o prazer do vinho, de que não prescindem sempre que têm umas quantas moedas; então, diz, «enchemos, bebemos as taças até ao fim, no silêncio da noite da primavera» (清夜沈沈動春酌).

Na parte final do poema, os últimos dez versos transitam para um outro tema, que muito se aproxima daquele que é muito caro a Horácio e que se consubstancia na expressão *carpe diem*. De pouco importa o futuro que o destino nos guarda, pois o presente é a fome e a todos espera, no fim, uma vala qualquer:

### 焉知餓死填溝壑

Para quê pensar tanto no destino?

Sim, a fome, e por túmulo uma vala qualquer.

É preferível, assim, viver do pouco e sem ambição, lavrar a terra, cuidar de musgo e caminhos. É esse o rumo para que aponta Confúcio, de cujos ensinamentos Du Fu parece ser, em poesia, o mais significativo representante. A conclusão faz lembrar a de Horácio em 3.1, no passo já acima citado: *aequa lege Necessitas sortitur insignis et imos*, («com lei igual o Fado tira à sorte os notáveis e os de baixa condição»). Assim diz Du Fu:

### 孔丘盜跖俱塵埃

Sábio, salteador de estradas, todos regressam ao pó.

O desenlace é o mesmo a que o poeta nos vem desde longe habituando, neste caso mais até do que Horácio, já ele também um amante do bom vinho: bebamos, pois.

Será, porventura, um dos poemas de Du Fu mais representativos da proximidade aos temas horacianos. Texto, como se diz acima, de uma linha semântica notável e de uma organização interna primorosa, bem justifica o seu olhar de conjunto (Du Fu, 2015, pp. 170-173):

#### 醉時歌

諸公袞袞登臺省 廣文先生官獨冷 甲第紛紛厭粱肉

廣文先生飯不足 先生有道出羲皇 先生有才過屈宋 德尊一代常轗軻 名垂萬古知何用 杜陵野客人更嗤 被褐短窄鬢如絲 日糴太倉五升米 時赴鄭老同襟期 得錢即相覓 沽酒不復疑 忘形到爾汝 痛飲真吾師 清夜沈沈動春酌 燈前細雨檐花落 但覺高歌有鬼神 焉知餓死填溝壑 相如逸才親滌器 子雲識字終投閣 先生早賦歸去來 石田茅屋荒蒼苔 儒術於我何有哉 孔丘盜跖俱塵埃 不須聞此意慘愴 生前相遇且銜杯

# Ébrio, uma canção

Muitos ascenderam ao topo da hierarquia, tu, meu amigo, continuas a padecer ao frio.

Nas grandes mansões, empanturrados com iguarias, tu, meu amigo, mal consegues uma malga de arroz.

A tua filosofia, um coração cristalino, pouca ambição, o teu talento, superior ao dos letrados do passado.

Respeitado pela tua virtude, condenado, sem glória, a deixar o teu nome para além dos séculos.

Sou um rústico que não é desta terra, de cabelos finos, motivo de mofa e zombaria.

Quero arroz, vou ao celeiro imperial,

obtenho ainda cinco colheres por dia, mas se quero abrir o coração, vou ter contigo, meu amigo. Quando ganho umas tantas moedas, cuidamos de nós, vamos gastá-las em vinho. Que nos interessa a pompa, o luxo, as cortesias, somos gente simples, descuidada e livre!... Meu mestre, enchemos, bebemos as tacas até ao fim, no silêncio da noite da Primavera. Lá fora, a chuva fina como flores caindo dos telhados, apagando as lanternas. Entoamos cânticos, animados, iluminados por espíritos a montante, a jusante do rio. Para quê pensar tanto no destino? Sim, a fome, e por túmulo, uma vala qualquer. Outrora, um grande poeta lavava canecas e pratos, um ilustre letrado lançou-se de um torreão. Ouem somos nós, no fim de tudo? Melhor retirarmo-nos cedo, voltar a lavrar a terra, cuidar dos telhados de colmo, dos caminhos, do musgo. Os ensinamentos de Confúcio, afinal para que servem? Sábio, salteador de estradas, todos regressam ao pó. Para quê tanta tristeza, tanto queixume? Estamos vivos, vamos beber umas taças de vinho.6

A curiosa aproximação entre Du FU e o seu desconhecido Horácio não se circunscreve, no entanto, ao tema da *aurea mediocritas* e também não apenas ao da fugacidade da vida. Dos demais temas diletos do Venusino há um outro a que também o grande poeta chinês parece ter aderido: as estações do ano, com destaque para a primavera, mas não só. Em ambos os autores, o chinês e o romano, a evocação da primavera e também do inverno (no caso

<sup>&</sup>lt;sup>6</sup> Transcreve-se, pela sua pertinência, a nota do tradutor António Graça Abreu: «Procurei substituir a sobrecarga de nomes e apelidos que Du Fu usa no poema – conhecidos de qualquer cidadão chinês medianamente culto –, por palavras e títulos semelhantes, sem o nome em chinês, o que, creio, ajuda o fluir da tradução para língua portuguesa. Assim, o "amigo" de Du Fu é o mandarim Zheng Qian, seu contemporâneo, os "letrados do passado" são o imperador mitológico Fuxi (sec. XXVIII a.C.), mais os poetas Qu Yuan e Song Yu (sec. III a.C.). O "rústico que não é desta terra" é o próprio Du Fu, habitante do lugar de Duling, nos arredores de Chang'an. O "poeta que lavava canecas e pratos" e o letrado que se "lançou de um torreão", são respectivamente Sima Xiangru (179 a.C. – 117 a.C.) e Yang Xiong (53 a.C. – 18 d.C.). Por último, Du Fu fala de Confúcio (551 a.C. – 479 a.C.) e de Zhi, o "salteador de estradas."» (Nota ad loc.)

de Horácio) ou do outono (no de Du Fu) é um pretexto para relembrar que a vida é efémera e retomar insistentemente a ideia da moderação, da sobriedade, da necessidade de viver e aproveitar o presente, de passar a vida no espírito da simplicidade, a horaciana *aurea mediocritas*, sem desmedidas ambições e sem apego a riquezas e honrarias.

Esse plano de leitura, que igualmente aproxima os dois poetas, de uma forma não menos visível, justifica também um olhar atento que alongaria excessivamente o presente texto e o espaço disponível. Fazê-lo aqui poderia levar a aligeirar a visão, com inevitável prejuízo do que se pretende apreciar. O assunto será, por isso, objeto de apreciação em novo artigo, que constituirá a segunda parte do trabalho e no qual serão expostas as necessárias conclusões.

### **Bibliografia**

Abreu, A. G. (vd. DU FU).

Chou, E. S. (1995). *Reconsidering Tu Fu, literary greatness and cultural context*. Cambridge: Cambridge University Press.

Commager, S. (1966). The Odes of Horace. A Critical Study. New Haven and London: Yale University Press, 3<sup>a</sup> ed.

Du Fu (2015). *Poemas de Du Fu*. Tradução, prefácio e notas de Abreu, A. G. Macau: Instituto Cultural do Governo da R. A. E. Macau.

Ji Hao (2017). The Reception of Du Fu and His Poetry in Imperial China. Leiden - Boston: Brill.

Leys, S. (2005). Ensaios sobre a China. Lisboa: Cotovia.

Lourenço, F. (2023). Horácio: poesia completa. Tradução e comentários de... Lisboa: Quetzal.

Perret, J. (1959). Horace. Paris: Hatier.

Quinn, K. (1980). Horace, The Odes. London.

Schneider, M. (1985). Voleurs de mots. Paris: Éditions Gallimard.

Xiaofei, T. (2020). Reading Du Fu: nine views. Hong Kong: Hong Kong University Press.

